



Sobre o reconhecimento dos dados linguísticos de um corpus infantil: a comunicação como fator relevante

About the recognition of linguistic data from a children's corpus: communication as a relevant factor

Pedro Perini-Santos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

pedro.perini.santos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4286-9858>

Adriana Nascimento Bodolay

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

adriananbodolay@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3346-0903>

Tatyane Helena Fabri

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

tatyaneabri@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7243-6020>

Lídia Ferreira-Santos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

lidiaferreirasantos@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0002-9807-5742>

Resumo: A seleção e o reconhecimento das primeiras vocalizações produzidas por uma criança como dados linguísticos é um tema árduo para as pesquisas que estudam corpora infantis longitudinais. Quais sonorizações infantis devem compor o corpus? A seleção, o reconhecimento, o registro, as anotações contextuais e a interpretação discursiva são escolhas sutis que estão sujeitas a questionamento e amadurecimento. Este breve ensaio se propõe a ilustrar o tema com uma análise de exemplos provenientes do corpus compilado pelo grupo Corpus Infantil Longitudinal (CIL) de acordo com a abordagem interacionista. As interpretações servem-se parcialmente do rol de categorias do *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (1994).

Palavras-chave: corpus infantil; vocalizações; dados linguísticos; díades; comunicação.

Abstract: The selection and the recognition of the first vocalizations produced by a child as linguistic data is an arduous topic for research that studies longitudinal children's corpora. Which children's sounds should integrate the corpus? Selection, recognition, registration, contextual annotations, and discursive interpretation are subtle choices that are subject to questioning and maturation. This brief essay aims to illustrate the theme with an analysis of examples from the corpus compiled by the group Corpus Infantil Longitudinal (CIL) in according to an interactionist view. The interpretations partially use the list of categories of the *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (1994)

Keywords: children's corpus; vocalizations; linguistic data; dyads; communication.

Recebido em 20 de maio de 2021

Aceito em 30 de agosto de 2021

Apresentação

A seleção dos dados é um tema árduo para as pesquisas que trabalham com corpora infantis. Os critérios para o reconhecimento das primeiras vocalizações infantis como dados linguísticos não são consensualmente aceitos. Assume-se a função ou a forma das vocalizações. O objeto artigo é propor reflexão sobre o reconhecimento dos dados em um corpus oral infantil.

Como é amplamente reconhecido, até os primeiros dois anos de vida, as crianças vocalizam sequências sonoras pré-lexicais que, acompanhadas por outros recursos semióticos, desempenham diversas funções comunicativas (*cf.* AQUINO, SALOMÃO, 2010; BRUNER,

1974; BATES *et al.*, 1975; CLARK, 2009; WIKSE BARROW *et al.*, 2019). Stephens e Matthews (2014) sustentam que a comunicação das crianças ocorre “antes que elas tenham aprendido a falar ou a entender uma única palavra” e que “a produção das primeiras palavras é um momento de mudança que de fato só ocorre após as crianças terem desenvolvido as bases fundamentais da pragmática” (STEPHENS; MATTHEWS, 2014, p.13).

Por outro lado, a referência à forma da palavra baliza o reconhecimento e a interpretação das ocorrências sonoras infantis no projeto *Child Language Data Exchange System (CHILDES)*¹. Para o coordenador do projeto,

as palavras são os blocos básicos de construção de todas as estruturas sentenciais e discursivas. Através do estudo do uso das palavras, podemos aprender uma quantidade enorme de coisas sobre o desenvolvimento da sintaxe, do discurso, da morfologia e das estruturas conceituais. (MACWHINNEY, 2000, p. 31).

Apesar de MacWhinney (2000), mais adiante no texto, chamar a atenção para o risco de serem impostas “formas adultas às formas dos aprendizes, [o que] pode seriamente comprometer os dados” (MACWHINNEY, 2000, p. 31), a forma da palavra é levada em conta para a compilação dos dados do projeto.

A nosso ver, a indagação sobre quais são as primeiras produções sonoras que devem compor um corpus infantil continua ativa. Para atender a essa pergunta analisaremos alguns excertos ilustrativos de diálogos ocorridos entre mãe e filho provenientes do corpus montado pelo grupo Corpus Infantil Longitudinal (CIL). Antes, serão apresentadas as categorias formais que têm sido usadas para classificar as primeiras produções sonoras infantis e a metodologia do grupo para a compilação de seu corpus.

O grupo de pesquisa CIL assume que o ponto de partida da aquisição da língua materna é o intuito comunicativo infantil e que,

¹ O projeto CHILDES disponibiliza em seu banco de dados um vasto rol de corpora orais infantis transcritos em <https://childes.talkbank.org/access/>. Os registros foram feitos em mais de 40 línguas e ocorreram em sua maioria durante interações dialógicas espontâneas entre crianças e adultos. Em função de seus objetivos de compartilhamento de dados, o projeto propõe orientações sobre os procedimentos-padrão para a coleta, para a transcrição, para a etiquetagem e para a divulgação do material registrado. Parte do material é acompanhado pelos respectivos registros em áudio e vídeo.

assim, as vocalizações infantis pré-lexicais podem ser reconhecidas como dados linguísticos.

1 Palavras ou não: sobre as categorias formais e funcionais

Brooks e Kempe (2012), Bharadwaj *et al.* (2015) e Perini-Santos *et al.* (2019) distribuem as primeiras produções sonoras infantis em cinco categorias: vocalizações, balbucios, pré e proto-palavras, holofrases e palavras. Grolla e Silva (2014) servem-se das categorias balbucios, holofrases e palavras. Karmiloff e Karmiloff-Smith (2001) as categorizam como vocalizações, balbucios, palavras-balbucios e palavras. Guimarães distingue as produções sonoras, “no período de transição do balbucio para as primeiras palavras: sound play, proto-palavras e balbucio modulado” (GUIMARÃES, 2012, p. 557).

Nos trabalhos citados, o critério usado para a distribuição dos dados nas respectivas categorias é a complexidade fonológica, morfológica e sintática das sequências sonoras infantis. Desse critério são propostos dois grandes grupos que reúnem as formas pré-lexicais e as formas lexicais.

O primeiro grupo comporta as vocalizações e os balbucios, porque os seus significantes não se aproximam das formas adultas. O segundo grupo é composto pelas pré-palavras, proto-palavras, as holofrases e as palavras. Essas são formas lexicais, porque os seus significantes são conjuntos sonoros que coincidem ou se avizinham das formas adultas. Nesse segundo grupo, as subcategorias diferem pelo grau de semelhança com as formas adultas e pelo traço de ter uso isolado, sintagmático ou sentencial.

Ordenados de forma escalar, as produções sonoras infantis amadurecem na direção a uma maior proximidade com as formas usadas pelos adultos, amadurecem na direção às palavras. Em estudo sobre um corpus longitudinal coletado junto a um informante, identificado pelo acrônimo G., que foi acompanhado dos 5 meses até os 23 meses, Perini-Santos *et al.*, (2019) servem-se do rol categorial apresentado acima e reconhecem a progressiva substituição das formas pré-lexicais pelas formas lexicais

Tabela 1 - Ocorrências produzidas pelo informante G. por categorias

Identificação dos registros	Vocalizações	Balbuícios	Pré e proto-palavras	Palavras	Holofrases	Total
G.01	45	0	0	0	0	45
G. 02	57	0	0	0	0	57
G. 17	40	0	137	66	18	261
G. 18	12	0	51	59	49	171

Fonte: Tabela adaptada de Perini-Santos *et al.* (2019, p. 17).

No primeiro registro do informante, nomeado como G.01, de um total de 45 ocorrências transcritas foram reconhecidas 45 vocalizações – como [CHI: *an un un*] – zero balbuícios, zero pré e proto-palavras, zero palavras e zero holofrases. No segundo registro, G.02, 100% das 57 ocorrências transcritas foram reconhecidas como vocalizações. Em G.17, de um total de 261 itens, o informante G. produziu 40 vocalizações, zero balbuícios, 137 pré e proto-palavras – como [MOT: *cuidado*] [CHI: *ado*] –, 66 palavras e 18 holofrases. Em G.18, de um total de 171 ocorrências, foram reconhecidas 12 vocalizações, zero balbuícios, 51 pré e proto-palavras, 59 palavras – como [CHI: *cheroso*] [MOT: *é cheiroso filho*] – e 49 holofrases, como [CHI: *água água*] [MOT: *água deixa a mamãe abrir pra você*]. Os dados das duas primeiras gravações, feitas no 5º e no 6º mês de vida do informante, registram 100% de formas pré-lexicais. As duas últimas gravações, relativas ao 22º e ao 23º mês de vida do informante, registram 12% de formas pré-lexicais. CHI é criança-informante; MOT, a mãe-pesquisadora.

A substituição de formas pré-lexicais por formas lexicais que ocorre entre esses dois períodos ilustrativos não deve ser compreendida como a substituição de interações pré-comunicativas por interações comunicativas. Se assim o fosse, poderia se dizer erroneamente que antes da ocorrência de formas lexicais não haveria comunicação entre crianças e adultos. O que ocorre é a ampliação do repertório de recursos expressivos convencionais usados pela criança.

Em *When is a word a word*, Vihman e McCune (1994) sintetizam os temas que acompanham as reflexões sobre a evolução da fala infantil em diversos autores: (i) a tipologia das primeiras palavras; (ii) a relação entre a oralização e a gestualização; (iii) os itens nominais e a sua referência; (iv) o uso das primeiras palavras e a incipiência das

categorias semânticas e, finalmente, (v) as definições das palavras e o seu reconhecimento no mundo real. Sobre a pergunta anunciada pelo título do artigo, “Quando uma palavra é uma palavra”, as autoras evocam dois critérios: “a semelhança com a forma fonética da palavra do adulto e a coerência em sua situação de uso” (VIHMAN; MCCUNE, 1996, p. 518), e comentam:

O reconhecimento das palavras através do critério amplo da convencionalidade formal que associa som e significado está longe de ser simples; ainda mais e particularmente nos momentos iniciais de produção potencial de palavras, quando as crianças gradualmente passam do uso de balbucios para o uso das palavras no formato adulto, produzindo vocalizações com diferentes ‘graus de palavra’. (VIHMAN; MCCUNE, 1994, p. 518).

O risco de “impor as formas adultas” (MACWHINNEY, 2000, p. 31) e a falta de nitidez dos “graus de palavra” – no original, “degrees of ‘wordiness’” (VIHMAN; MCCUNE, 1994, p. 518) – podem ser revistos a partir do efeito discursivo e performativo que a locução infantil surte sobre seu interlocutor.²

Para Gruber (1973), algumas estruturas performativas “já estão desenvolvidas nos primeiros momentos do desenvolvimento linguístico” (GRUBER, 1973, p. 442). Uma única palavra, como *sapato* por exemplo, pode exercer função holofrástica e ser interpretada como a demanda para olhar para o sapato ou como o pedido de acesso a um sapato presente no contexto da interação dialógica. É uma situação de “pura performatividade”, não há conteúdo proposicional, diz o autor.

² As expressões “forma adulta” e “graus de palavra” estão no artigo de Vihman e MacCune (1994). Em nota de pé-de-página, as autoras propõem que “for a more complete discussion of the criteria used for word identification or of the procedure for determining degree of phonetic match, together with examples drawn from the data reported here, please write to the authors.” (VIHMAN; MACCUNE, p. 527, 1994). (Tradução: “... para se ter acesso a uma discussão plena sobre os critérios usados para a identificação das palavras ou sobre os procedimentos usados para a determinação dos graus de coincidência fonética associados aos exemplos elaborados a partir dos dados apresentados, por favor, entrem em contato com os autores.”) Para o presente artigo, a “forma adulta” da palavra é o padrão lexical usado pelo adulto que baliza o reconhecimento de diferentes “graus de palavra” – de diferentes níveis de semelhança com o padrão – das formas lexicais usadas pelos informantes infantis.

Gruber propõe que “as estruturas performativas têm uma história de desenvolvimento anterior à da fala ela mesma” (GRUBER, 1973, p.442). Seguindo mesma linha de pensamento, Bates *et al.* (1975) invertem a ordem da interpretação performativa dos Atos de Fala de austiniana. Para Ninio *et al.* (1994), que também esposam essa proposta,

O primeiro estágio do desenvolvimento pode ser descrito sobretudo como pragmático, uma vez que a importante habilidade para a tomada do turno de fala e para a comunicação com gestos se desenvolve antes da sintaxe e da morfologia. (NINIO *et al.*, 1994, p. 159).

A pragmática precede as habilidades sintáticas e semânticas. Assim, pode-se concluir que um dado linguístico é uma sequência sonora ou sonoro-gestual produzida por uma criança cujo intuito interlocutivo é interpretado por um adulto em uma situação dialógica.

2 Sobre a pesquisa do grupo CIL: Mini-Corpus e a transcrição discursiva

O grupo Corpus Infantil Longitudinal (CIL) acompanha a evolução da fala de um informante infantil masculino em um diário parental desde 2015. As sessões de gravação de áudio duram cerca de 30 minutos e ocorrem uma vez por mês sem que haja mudança na rotina de vida do informante ou de seus cuidadores. Na data da propositura deste artigo, o informante tinha cinco anos e onze meses de vida e o corpus do grupo contava com 25 gravações transcritas de um total de 70.³

O fato de a pesquisadora ser a mãe do informante limita o detalhamento da anotação dos elementos contextuais que integram os diálogos entre os dois, mas preserva, em seu grau ótimo, a espontaneidade da expressão do informante durante a compilação dos dados para o diário. Os diários parentais geram um conjunto de Mini Corpora (MC). De acordo com Koester (2010), se falta robustez quantitativa aos MC, o seu uso é justificado pela solidez em sua interpretação:

³ Para a realização desta pesquisa, o grupo CIL obteve a autorização do CEP da UFVJM [CAAE 57714216.5.0000.5108] e o consentimento da responsável legal pela criança, que assinou o devido TCLE.

Frequentemente quem faz a compilação do corpus é também aquele que o analisa. Em função disso, costuma ter grande familiaridade com o contexto [...] a análise de um corpus como este revela conexões entre os padrões linguísticos e os contextos de uso. (KOESTER, 2010, p. 67).

Há todo um rol de informações convencionais que, associadas à leitura dos MC, permite a apresentação de interpretações sólidas sobre a prática comunicativa dialógica que o informante partilha com a pesquisadora. Há “uma relação bastante próxima entre o corpus e os contextos nos quais o corpus foi produzido” (KOESTER, 2010, p. 67).

O grupo CIL propõe pesquisas qualitativas de MC longitudinais e se baseia no padrão de transcrição *Codes for the Human Analysis of Transcripts* (cf. MACWHINNEY, 2000). Os áudios dos exemplos deste artigo foram escutados e transcritos pelos autores sem uso de softwares.

Para além do padrão CHAT, os exemplos do artigo são marcados com segmentações prosódicas. A marcação das fronteiras entonacionais é feita com a dupla de sinais (//). A marcação de fronteira não terminal é feita com um único sinal (/). Essas marcações se baseiam nos trabalhos de Cresti (1995, 2014), Mello e Raso (2012) e Rocha, Mello e Raso (2018), que evidenciam como “a percepção de fronteira deve ser acompanhada de um valor ilocucionário e da percepção de terminalidade para que se possa construir uma unidade de referência” (ROCHA; MELLO; RASO, 2018, p. 152).

Como dito, o corpus deste artigo é essencialmente dialógico e espontâneo. Dos excertos apresentados, participam o informante G., identificado como CHI; a mãe-pesquisadora, cujo acrônimo é MOT; e a avó, GRA. Junto aos exemplos propostos, seguem a transcrição fonética, a marcação das fronteiras entonacionais e a interpretação dos atos comunicativos do informante de acordo com o *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO *et al.*, 1994).

O INCA-A (NINIO *et al.*, 1994) é um procedimento de análise aplicado na interpretação das intenções comunicativas das crianças. Esse procedimento de análise considera que os atos de fala ocorrem antes de a própria fala começar e se contrapõe à busca pela “estrutura interna das primeiras falas” (BATES *et al.*, 1975, p. 205). O inventário apresenta etapas e critérios para o reconhecimento, a classificação e a análise da produção sonora ou gestual da criança. Em suma, Ninio *et al.*

(1994) categorizam as intenções comunicativas das crianças ocorridas em diálogos com seus cuidadores.

Vejamos um exemplo de interpretação feita a partir do INCA-A (1994). O informante G. tinha 10 meses quando foi registrado o item lexical [*mamãe*] presente no excerto dialógico (1):

(1) [CILAG06:00;10]⁴

%exp: CHI batendo o vidro de esmalte no chão
 *MOT: cê tá ouvindo a vovó reclamar né//
 *pho: setao'vĩduavo'vøhekla'ma nɛ//
 *GRA: uu//
 %pho: uu//
 *CHI: mamãe //
 *pho: mẽ'mẽ //
 *MOT: oi amor//
 *pho: oĩa'moh//

Quadro 1 - Classificação comunicativa do excerto (1)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
Unilexical	Nominal	Iniciatório	NMA (Negociar atenção e proximidade mútua) – Estabelecer atenção conjunta, proximidade ou afastamento da interlocutora	CL – Chamar a atenção do interlocutor pelo nome ou outra forma exclamativa

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994). 5

O enunciado proposto pela criança é uma expressão de Forma unilexical e Natureza nominal interpretada como Ato de Fala iniciatório. O informante G. intenta negociar a atenção da interlocutora, sua mãe (Função Interlocutiva NMA). De acordo com a classificação proposta pelo Inventário (NINIO et al., 1994), G. o faz quando a ela dirige o vocativo [*mamãe*] (Categoria Illocucionária CL). Como se nota, G. obtém sucesso e a mãe lhe responde com a forma [*oi amor*].

⁴ A referência [cilag06:00;10] significa: Corpus Infantil Longitudinal em Áudio (do informante) G., (gravação número) 06, (idade do informante na data do registro) 0 anos e 10 meses. Sobre o grupo: www.corpusinfantil.com.br

⁵ Os acrônimos das categorias do Inventário mantêm a língua original.

3 Dados ilustrativos: quando a comunicação antecede a forma lexical

Vamos apresentar alguns trechos de diálogo em que o informante produz formas sonoras pré-lexicais e formas lexicais em exercício comunicativo com sua mãe ou com a avó que eventualmente participa das interações dialógicas. Serão expostos cinco exemplos pré-lexicais e cinco exemplos lexicais.

3.1 Uso de formas pré-lexicais pelo informante

Nesta seção, serão apresentados cinco exemplos, excertos (2) a (6), de itens pré-lexicais produzidas pelo informante G.

Excerto (2) – O excerto traz uma vocalização do informante que ocorreu na seguinte situação. A avó se queixa de ter pegado [*dez vezes*] um determinado brinquedo no chão. A mãe entrega o objeto para o informante, pede para ele [*não joga no chão não*] e demanda confirmação de seu entendimento com [*tá*]. G. recebe o objeto, joga-o novamente no chão e fala [*um um*]:

(2) [CILAG04:00;09]

*GRA: já peguei dez vezes//

*pho: ʒape'geidez'vezis//

*MOT: pronto//não joga no chão não tá//mamãe tá in...//

*pho: 'prôto//nêũ'zogeno'jêũnêũ//ta//mẽ' mēi te 'i//

%par: risos de MOT

%exp: CHI recebe o brinquedo de volta e lança no chão

*CHI: um//um//

%pho: ũ//ũ//

*MOT: palhaço//toma//espera aí que eu tô arrumando os trem pra te dá banho//

*pho: pa'łaso//tẽũ//isperẽ'ikieqitoahu'mêdos'trẽĩpretjida'bẽjo//

*GRA: ele joga de propósito//

*pho: eli'zãgẽzĩpro'pozito//

Quadro 2 - Classificação comunicativa do excerto (2)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
Vocalização	-	Responsivo	NMA (Negociar atenção e proximidade mútua) – Estabelecer atenção conjunta, proximidade ou afastamento da interlocutora	SS – Indicar o início de atividade a ser acompanhada pelo interlocutor

Fonte: Inventory of Communicative Acts-Abridged (NINIO et al., 1994).

A mãe reage textualmente [*palhaço toma espera aí que tô arrumando os trem pra te dar banho*] à intenção ilocucionária pretendida por G. foi interpretado o intento da vocalização infantil de chamar a atenção das interlocutoras e comunicar a elas que faria alguma coisa com o brinquedo que tinha em mãos. A avó também reage [*ele joga de propósito*]. A fala da criança é seguida por manifestações discursivas da mãe e da avó, porque houve escuta e interpretação comunicativa do item pré-lexical [*um um*].

Excerto (3) – No trecho transcrito a seguir, MOT dá suco para o informante. Quando a mãe se retira, a criança choraminga. A avó tenta distraí-lo e chamar a sua atenção, fingindo ir embora. O informante não considera a encenação da avó que lhe diz que não vai levá-lo à igreja apesar de ele gostar. Os sons vocálicos produzidos pela GRA são imitados pelo informante. Em seguida, a interação dialógica passa a ocorrer entre a criança e a mãe.

(3) [CILAG04:07;00]

*GRA: vai amanhã//pchiu//Gabriel//cê
vai na igreja comigo amanhã//
%pho: vai amẽ'nẽ//pjiu//gabri'eu//savaĩ
nai'grezekũ'migo amẽ'nẽ//
%exp: GRA batuca no sofá para chamar
a atenção de CHI
*GRA: bububababa baba//
%pho: bububababa baba//
*MOT: fala assim com a vovó para de
me chantagear//né filho//

%pho: fale'si
kũẽvo'võ'parẽdʒimĩ[ũtaʒi'a]//ne'filo//
*CHI: buam ba//
%pho: buẽ bẽ//
*MOT: bumbum filho//
%pho: bũ'bũ'filo//
*CHI: bum//
%pho: bõ //
*MOT: gostoso da mamãe//
%pho: gos'tozodamẽ'mẽi //

Quadro 3 - Classificação comunicativa do excerto (3)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
Vocalizações	-	Performativo	NIA (Negociar Atividade Imediata) – Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	DR – Estabelecer ou interromper atenção e proximidade mútuas

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994).

A forma [buam ba] é usada pelo informante para participar da interação dialógica. G. produz uma sequência sonora pré-lexical, que interpretada como [bumbum], nádegas, leva a mãe a intencionalmente propor um novo tema para a conversa que acontecia entre ela e a avó do informante. Mesmo que haja algo imitativo na fala da criança, se consideramos a fala anterior da avó [bububababa baba], a mãe interpreta a fala do filho na função NIA e reage discursivamente. A sequência do diálogo mostra que a interpretação materna objetivava dar novo foco à conversa. A mãe manifesta carinho para o filho com quem partilhou com ela o novo tema [gostoso da mamãe]⁶.

Excerto (4) – Aqui ocorre uma série de vocalizações pré-lexicais foneticamente semelhantes [ii], [ii a ii a], [ii], [ii] e [ii e] em exercício da mesma função discursiva. G. tenta repetidas vezes desligar um computador que está a seu alcance, apesar dos protestos seguidos da interlocutora MOT. Cada tentativa frustrada de G. é seguida de uma expressão sonora de desafio:

(4) [CILAG09:01;02]

*CHI: ii//	*CHI: ii//
%pho: ii://	%pho: ii://
*MOT: não desliga o computador	*MOT: para moço//
nãopor favor//	%pho: 'para' moso//
%pho: nẽũdzis'liqẽokõputa'donẽõpufa'vo://	*CHI: ii //
*MOT: você não consegue ligar de	%pho: ii://
novo//	*MOT: não é pra desligá não//
%pho: vo'senẽũkõ'segli'gadzi'novo//	%pho: nẽũ'epredzisi'ganẽũ//
*CHI: ii a ii a//	*CHI: ii e//
%pho: ii:a ii:a//	%pho: ii:e//
*MOT: não consegue//tá desligado//	*MOT: não//
%pho: nẽũkõ'segi//tadzis'liqẽdo//	%pho: nẽũ

⁶ Vasconcelos *et al.* (2021) discorrem sobre as funções da prosódia nas relações dialógicas entre adultos e crianças. As autoras fazem alusão à noção de “assimilação”, tal como propõe Bakhtin (1997). No excerto (3), a mãe assimila o enunciado produzido pelo filho [buam ba]. A partir dessa assimilação, muda o foco da conversa e direciona ao filho o enunciado [bumbum filho].

Quadro 4 - Classificação comunicativa do excerto (4)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Atos de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
Vocalizações	-	Declarativos	NIA (Negociar Atividade Imediata) – Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	DR – Ousar fazer ou desafiar o interlocutor a fazer uma ação.

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994).

Em (4), ocorrem cinco atos de fala declarativos que negociam a realização de atividade junto à interlocutora. O filho desafia a mãe que repetidas vezes lhe pede para não mexer no computador [*não desliga o computador não por favor*], [*you não consegue ligar de novo*], [*não consegue*], [*para moço*] [*não é para desligá não*] e [*não*]. A intensidade da função interlocutiva NIA pode ser identificada na evolução do aspecto entonacional que ocorre na sequência de diádes: parte-se de registros mais baixos para registros mais altos.

Excerto (5) – Esse excerto de diálogo foi registrado na mesma sessão do exemplo anterior. G. ensaia falar a palavra [*aqui*] dita pela mãe no turno de fala anterior [*olha aqui não pode*] e vocaliza [*iii e e gue*], [*gue gue*] e [*gue gue gui gui*], enquanto aponta para um botão do computador manifestando o intuito de tocá-lo. MOT não quer ele o faça.

(5) [CILAG09:01;02]

*MOT: olha aqui//não pode//
 %pho: 'oʎe'ki//nẽõ'põdʒi//
 *CHI: iii e e gue//
 %pho: i:i:i:c:ge//
 *MOT: para//
 %pho: 'pa:re://
 *CHI: gue gue//
 %pho: ge:ge://
 *CHI: gue gue gui gui gui//
 %pho: ge:ge:gr:gr:gr://

Quadro 5 - Classificação comunicativa do excerto (5)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
Vocalizações	-	Declarativo	NIA (Negociar Atividade Imediata) – Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	DR – Desafiar o interlocutor a fazer uma ação.

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

O excerto (5) é interpretado de forma semelhante ao exemplo anterior. O informante G. produz três atos de fala declarativos que negociam a realização de atividade junto à interlocutora. A especificidade desse excerto é o fato de haver retomadas da fala da mãe em progressiva aproximação da forma lexical adulta. Em discussão sobre as reformulações feitas pelos adultos em diálogos com crianças, Clark e Chouinard (2000) classificam as retomadas das falas imediatamente anteriores como repetições ou reformulações corretivas. Neste caso, a retomada é feita pelo aprendiz que produz, gradativamente, uma nova palavra.

Excerto (6) – Na série de ocorrências apresentadas em (6), nota-se a evolução do uso da forma pré-lexical, identificadas com (a), para a forma lexical convencional correspondente, identificadas com (b). A forma pré-lexical é [an a na]. A forma lexical ocorre como [a não], [nein não], [nein], [neném], [neiném] e, finalmente, como [não]. No momento inicial da gravação G12, o informante tenta alcançar o gravador.

(6) [CILAG12:01;05]

%sit: CHI tenta pegar o gravador *MOT: pega lá pra mamãe ó pega lá/pega lá pra mamãe tá vendo// %pho: 'pege' lapremẽ mĩĩ o'pege' la/'pege' lapremẽ' mĩĩ ta'vẽdo// *CHI: um// %pho: ũ:// *MOT: pega lá// %pho: 'pege' la// %par: choro de CHI *MOT: pega lá filho não pode// %pho: 'pege' la'fi nẽũ'podz// *CHI: an a na// (a) %pho: ẽ:v.nẽ:v// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// %par: risos de MOT *CHI: a não// (b) %pho: ẽ:nẽũ//	*MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: nein não// (b) %pho: nẽĩnẽũ// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: nein// (b) %pho: nẽĩ// %par: risos de CHI *CHI: neiném// (b) %pho: nẽĩnẽ// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: neném// (b) %pho: nẽnẽĩ// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: não// (c) %pho: nẽũ//
--	--

Quadro 6 - Classificação comunicativa do excerto (6)

Reconhecimento da Forma	Natureza textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
(a) Vocalização	-	Responsivo	DJF (Falar sobre o foco de atenção compartilhada) – Manter conversa sobre algo que ocorre no ambiente que é foco de atenção de ambos interlocutores.	RT – Repetir/ imitar a fala do outro
(b) Proto-palavra	Adverbial	Responsivo		
(c) Unilexical	Adverbial	Responsivo		

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

O foco de atenção partilhada entre os interlocutores no excerto dialógico (6) não é a presença do gravador ao alcance de G., mas o uso da expressão [não]. O informante ri após a realização de sonorização semelhante àquela produzida pela mãe nos turnos de fala anteriores. A estratégia usada por G. para manter a atenção, já compartilhada com a mãe, foi dar saliência à produção de formas progressivamente mais próximas do item lexical [não]. Há retomadas da expressão: ora usada pela criança, ora pela mãe. Novamente, remete-se ao conceito de repetição e reformulação de Clark e Chouinard (2000).

(7) [CI:AG:01;08]

*MOT: que mais não//não/o que que cê tá veno aí//

*pho: kemɛjsnẽõ//nẽõ/'kekise'ta vẽnoa'i//

*CHI: neném//

%pho: nẽncẽi//

*MOT: cê tá veno um neném//

*pho: se'tavẽõnẽncẽi//

%par: risos de MOT

*MOT: dá tchau pro neném//dá tchau filho//

*pho: da'tʃaõpronẽ'ncẽi/da'tʃi'ap'filõo//

3.2 Uso de formas lexicais pelo informante

Nesta seção, cinco exemplos de formas lexicais, excertos (7) a (11), serão apresentados e classificados de acordo com a proposta do INCA-A.

Excerto (7) – O informante e a mãe brincam no chão da sala de casa. A criança está com o celular da mãe. Em resposta à pergunta feita pela mãe sobre a imagem que aparece na tela do aparelho, fala que vê um neném.

Quadro 7 - Classificação comunicativa do excerto (7)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
Unilexical	Nominal	Responsivo	DJF (Falar sobre o foco de atenção compartilhada) – Manter conversa sobre algo que ocorre no ambiente que é foco de atenção de ambos interlocutores.	SA - Responder a uma pergunta do tipo [+QU]

Fonte: Inventory of Communicative Acts-Abridged (NINIO et al., 1994)

A intenção interlocutiva de G. foi informar o reconhecimento do foco indicado pela expressão dêitica “aí” [*o que que cê tá vendo aí*] com uso da expressão unilexical em função responsiva [*neném*]. Após os risos do informante G., a mãe propõe pergunta sobre foco, agora, expresso pela fala do filho [*cê tá veno um neném*].

Excerto (8) – G. brinca no jardim da casa. As interlocutoras adultas o acompanham. MOT vê uma formiga e indica para o filho [*olha formiguinha*]. A criança fica com medo e manda que a formiga saia de

perto dele [guinha chai chai]. G. insiste na ação [chai], apesar da repreensão da mãe. Neste excerto, ocorrem três manifestações lexicais do informante.

(8) [CILAG17:01;09]

*MOT: olha a formiguinha

Ꞥpho: ʔɫɛfufimi' gĩɲɛ//

*CHI: inha chai chai (a)

Ꞥpho: ɲɲɛ' tʃai' tʃai//

*MOT: não sai não filho

Ꞥpho: nãũ// saɲnãũ' fiʎo//

*CHI: chai (b)

Ꞥpho: 'tʃai//

*MOT: ela tá no lugar dela você q tá errado

Ꞥpho: ɛɫɛ' tanolu' gafi' dɛɫɛ//vo' sekɪtaɛ' hado//

*CHI: ado (c)

Ꞥpho: 'ado//

Quadro 8 - Classificação comunicativa do excerto (8)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
(a) Multilexical	Nominal, verbal	Iniciatório diretivo	NIA (Negociar Atividade Imediata) –Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	RP – Pedir, propor ou sugerir ações para os interlocutores
(b) Unilexical	Verbal	Iniciatório diretivo		
(c) Unilexical	Nominal	Responsivo	DCC (Esclarecer a comunicação verbal) – Esclarecer alguma ambiguidade na comunicação verbal ou confirmar a compreensão do que foi dito	YD – Concordar com declaração

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

G. direciona a suas duas falas iniciais para interlocutora imaginária formiga [guinha chai chai] e [chai]. As duas réplicas da mãe instruem a criança sobre a inoperância da ordem dada ao inseto [não sai não filho] e [ela tá no lugar dela você que está errado]. G. responde [ado]. A forma [ado], item convencional [errado], é uma retomada responsiva para a última fala da mãe. Segundo Clark e Chouinard, uma das funções das retomadas é “buscar confirmação da interpretação feita sobre a fala da criança” (CLARK; CHOUINARD, 2000, p. 9). A entonação produzida por G. na retomada do item lexical confirma a interpretação feita pela mãe.

Excerto (9) – Os interlocutores estão no quarto. Os dois brincam e desenham juntos. G. pede para a mãe a caneta que ela estava usando. Ela entrega a caneta para o filho, que agradece.

(9) [CILAG20:02;00]

*CHI: me dá mamãe// (a)
 %pho: mi'damêmẽi//
 *MOT: aqui a caneta toma//
 %pho: a'kieka'neta' tãõ//
 *CHI: bigado (b)
 %pho: i'gado//
 *MOT: por nada//
 %pho: puñ'nadẽ//

Quadro 9 - Classificação comunicativa do excerto (9)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
(a) Sentencial	Sentencial	Performativo	DHA (Direcionar a atenção da interlocutora) – Obter o foco da atenção do interlocutor direcionando a sua atenção para objetos; pessoas ou eventos presentes no ambiente	RP – Pedir, propor ou sugerir ações para os interlocutores
(b) Unilexical	Adverbial	Responsivo	MRK (Expressar) – Manifestar sentimentos em situações socialmente específicas como agradecimento, desculpas ou manifestar ciência sobre algum evento ou fato.	MK – Agradecer, desculpar-se, saudar, desejar felicitações, anunciar o término de uma ação

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO *et al.*, 1994)

Este trecho de diálogo pertence ao registro G20, feito quando o informante tinha dois anos e um mês de vida. As alternâncias nas falas correm com fluidez, sem hesitação, sem lapso na troca dos turnos entre adulto e criança. Além do pedido de acesso a um objeto presente no ambiente [*me dá mamãe*], G. é capaz de desempenhar uma função comunicativa protocolar. Ele lhe dirige a forma de agradecimento textual [*bigado*] pela ação desempenhada e narrada pela mãe [*aqui a caneta toma*] em atenção ao seu pedido.

Excerto (10) – Mãe e filho brincam na sala. A criança espalha alguns brinquedos no chão e pega um carrinho. MOT lhe pergunta o que ele pegou. G. responde que é o carro [*de Iene*]. Em seguida, a mãe esclarece que o carrinho foi um presente dado pela pessoa indicada, mas que pertence a ele.

(10) [CILAG22:02:00]

*MOT: quê isso//

%pho: ke'iso//

*CHI: car de Iene// (a)

%pho: kah/i'eni//

*MOT: o carro de Irene//

%pho: okahodʒireni//

*CHI: de Iene// (b)

%pho: dʒi'eni//

*MOT: não é de Irene não filho/ é seu/Irene que deu //

%pho: ni'edʒi'reni'ni'edʒi'filo'e'seʒ/i'renik'i'deʒ//

*CHI: me deu// (c)

%pho: mi'deʒ//

*MOT: é//

%pho: e//

Quadro 10: Classificação comunicativa do excerto (10)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
(a) Sintagmático	Nominal	Responsivo	DRP (Falar sobre algo relacionado com o presente) – Falar sobre algum atributo inobservável, sobre alguma pessoa presente no evento ou falar sobre eventos passados ou futuros que tenham relação com o evento presente	SC – Afirmação ou observação em resposta à demanda de esclarecimento
(b) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC (Esclarecer a comunicação verbal) – Esclarecer alguma ambiguidade na comunicação verbal ou confirmar a compreensão do que foi dito	YD – Concordar com declaração
(c) sentencial	Sentencial	Clarificativo	DCC (Esclarecer a comunicação verbal) – Esclarecer alguma ambiguidade na comunicação verbal ou confirmar a compreensão do que foi dito	TA – Pergunta com alternativa-limitada

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

Neste exemplo, G. produz o sintagma preposicional [*de Iene*] iniciado pela pré-palavra [*car*]. A mãe retoma o SP no formato convencional [*o carro da Irene*] como forma de indagação sobre a propriedade do objeto. O informante confirma que o carro é da Irene com a repetição do SP [*de Iene*]. Na sequência desse diálogo, a mãe explica que [*da Irene*] não expressa a posse do objeto, mas a sua origem. Em sua última fala, G. pede confirmação da nova interpretação dado ao SP [*de Iene*] como fonte do objeto.

Excerto (11) – MOT, CHI e GRA estão na sala. Mãe e filho estão no chão montando um quebra cabeça. Em um certo momento MOT pede para que G. se sente para que eles possam terminar de montar. Ele se recusa afirmando estar cansado. MOT então quer saber o motivo do cansaço e G. responde que está cansado da mãe e da avó.

(11) [CILAG30:02;10]

*MOT: senta ai pra gente montar o quebra cabeça//

%pho: sɛ̃tɛ'iprɛ'zɛ̃ɸimõ'tau'kebrɛka'bes//

*CHI: to mui cansado// (a)

%pho: 'to'mũkã'sado//

*MOT: cansado de quê//

%pho: kã'sadodʒi'ke//

*CHI: de vocês// (b)

%pho: 'dʒivo'ses//

*MOT: tá cansado de mim//

%pho: takã'sadodʒi'mĩ//

*CHI: de vocês// (c)

pho: dʒivo'ses//

*MOT: vocês quem//

*pho: vo'ses'kɛ̃ɸ//

*CHI: de vovó e de mamãe// (d)

Pho: dʒivo'vɔɪdʒimẽ'mẽɸ//

Quadro 11 - Classificação comunicativa do excerto (11)

Reconhecimento da forma	Natureza textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
(a) Sentencial	Sentencial	Declarativo	DSS – falar sobre os sentimentos e os pensamentos do falante	DS – Expressão de desaprovação, aborrecimento ou comportamento disruptivo de protesto; expressão de avaliação negativa sobre comportamento inapropriado dos interlocutores.
(b) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC - Esclarecer sobre algo que foi dito	SA - Responder a uma pergunta do tipo [+QU]
(c) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC - Esclarecer sobre algo que foi dito	YA – Responder pergunta sim ou não
(d) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC - Esclarecer sobre algo que foi dito	SA - Responder a uma pergunta do tipo [+QU]

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

Agora com dois anos e dez meses idade, G. produz uma sentença completa e dois enunciados compostos por Sintagmas Preposicionais (SP). O primeiro sintagma preposicional [*de vocês*] é usado duas vezes de forma consecutiva em resposta às duas perguntas propostas pela mãe [*cansado de que*] e [*tá cansado de mim*]. O SP [*de vovó e de mamãe*] responde à terceira pergunta materna [*vocês quem*]. As três respostas do informante visam esclarecer a quem o informante se referira quando disse que estava cansado. Por isso, às suas três falas, foi apresentada a mesma interpretação interlocutiva, DCC. Em resposta à primeira pergunta, [*cansado de quem*], G. não se refere apenas à MOT, como supõe a pergunta seguinte [*tá cansado de mim*], mas à mãe e à avó. Por isso, em sua próxima fala, a última fala infantil do excerto, G. explicita a extensão de sua resposta [*de vovó e de mamãe*]. Os diferentes perfis entonacionais dos atos de fala do informante, (b), (c) e (d), expressam um crescente acirramento na intensificação discursiva. A segunda forma é produzida em um registro mais alto, o que denota obviedade por parte

de G., é como se a mãe soubesse exatamente a quem ele se refere. Esse é um uso bem refinado: G. demonstra conhecimento sobre as estratégias prosódicas para demonstrar sentido.

Comentários finais

Considerando as interpretações propostas para os excertos dialógicos apresentados neste artigo, pode-se dizer que as interações comunicativas entre crianças e seus interlocutores adultos precedem a forma lexical adulta. Foram observados efeitos perlocucionários provenientes de atos de fala infantis produzidos por itens pré-lexicais. Assim, apesar de não haver consenso sobre os critérios para o reconhecimento das vocalizações infantis como elementos de corpora infantis, como foi indagado neste artigo, esta pesquisa aponta para o reconhecimento das vocalizações pré-lexicais como dados linguísticos. Os excertos (5) e (6) ilustram a construção progressiva de signos partilhados entre os interlocutores. No primeiro caso, G. vocaliza [*iii e e gue*], [*gue gue*] e chega a [*gue gue gui gui*], que se aproxima mais da “forma adulta” [aqui]. No excerto (6), G. parte das produções pré-lexicais [*an a na*], [*nein não*], [*nein*], [*neném*] e [*neiném*] e alcança a forma convencional [*não*]. Nesses dois casos, as formas ainda pré-lexicais, mais ou menos próximas do padrão adulto, e as formas lexicais, reconhecidas como realizações convencionais, exercem função comunicativa.

Em alusão aos estudos de corpora infantis dialógicos, à época novos e, então, iniciando o uso de gravador e não mais as anotações escritas feitas pelos pais, Scollon (1976) registra que, segundo Olmsted (1971), seu contemporâneo, caberia ao “pesquisador reconhecer quando uma vocalização infantil seria reconhecida como uma tentativa de dizer algo na língua ou não”. Em caso de dúvida, prossegue Olmsted, “a mãe interpretaria aquilo que seria interpretável” (OLMSTED, 1971, p. 59). A interpretação tem início no reconhecimento de ser uma tentativa situacional de comunicação a fala infantil.

Agradecimentos

Agradecemos a nossos informantes, que generosamente permitiram o registro de seu cotidiano comunicativo. Agradecemos aos demais colegas do grupo CIL pelas discussões ocorridas em nossos seminários de pesquisa. Agradecemos aos pareceristas desta revista pelas valiosas sugestões que permitiram o amadurecimento do texto final do artigo.

Contribuição dos Autores

Pedro Perini-Santos é o coordenador do grupo de pesquisa que desenvolveu este artigo. Perini-Santos tematizou e coordenou redação do artigo; participou da análise e interpretação dos dados. Adriana Bodolay transcreveu os excertos do artigo para o alfabeto fonético internacional; participou da análise e interpretação dos dados. Lídia Ferreira-Santos gravou, registrou e nomeou os documentos de áudio do corpus; participou da análise e interpretação dos dados. Tatyane Fabri transcreveu os excertos do artigo para o alfabeto fonético internacional; participou da análise e interpretação dos dados. Todos os autores do artigo integram o grupo CIL.

Referências

- AQUINO, F.; SALOMÃO, N. Intencionalidade comunicativa: teorias e implicações para a cognição infantil. *Estudos de Psicologia*, Campinas v. 27, n. 3, p. 413-420, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300013>
- AUSTIN, J.L. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BATES, E.; CAMAIONI, L.; VOLTERRA, V. The Acquisition of Performatives Prior to Speech. *Merril-Palmer Quarterly*, Detroit, v. 21, n. 3, p. 205-226, 1975.
- BHARANDWAJ, S.; SUSHMA S.; SREEDVI, N. True words, protowords and holophrastic words in typically developing Kannada speaking children: 12-24 months. *Journal of child language acquisition development*, Burdur, v. 3, n. 1, p. 47-57, 2015.
- BROOKS, P.; KEMPE, V. *Language Development*. Columbia: BPS Blackwell, 2012.
- BRUNER J. The Ontogenesis of Speech Acts. *Journal of Child Language*, Alberta, v. 2, n. 1, p. 1-19, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900000866>
- CAMERON-FAULNER, T. The development of speech acts. In: MATTHEWS, D. (ed.). *Pragmatic Development in First Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 13-37-52.
- CLARK, E. *First Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CLARK, E.; CHOUINARD, M. Énoncés enfantins et reformulations adultes dans l'acquisition du langage. *Langages*, Malakoff, n. 140, p. 9-23, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1002/cd.179>

CRESTI, E. Syntactic properties of spontaneous speech in the Language into Act Theory – data on Italian complements and relative clauses, In: RASO, T.; MELLO, H. (eds.). *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 365-410.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. Conditions communicatives pour la formation de l'énoncé complexe chez le jeune enfant, In: COLLOQUE DU GROFRED, 13, 1995, Firenze. *Actes...* Firenze : Università degli studi di Firenze, 1995. p. 1-19.

GROLLA, E.; SILVA, M. *Para conhecer Aquisição da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2014.

GRUBER, J. Correlation between the syntactic constructions of the child and the adult In: FERGUNSON, C.; SLOBIN, D. (eds.). *Studies of Child Language Development*. Nova Yorque: Holt, Rinehart and Winston, 1973. p. 440-445.

GUIMARÃES, D. A emergência das primeiras palavras: aspectos da produção sonora inicial da criança. *Letronica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 555-566, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26417>

KARMILOFF, K.; KARMILOFF-SMITH, A. *Comment les enfants Entrent dans la Langue*. Paris: Retz, 2012.

KOESTER, A. Building small specialized corpora, In: O'KOFFEE, A.; McCARTHY, M. (eds.). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. Londres: Routledge, 2010. p. 66-79.

MACWHINNEY, B. *The CHILDES Project* (vol.1). Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

NINIO, A., et al. Classifying communicative acts in children's interactions. *Journal of communication disorders*, Philadelphia, v. 27, n. 2, p. 157-187, 1994. DOI: [10.1016/0021-9924\(94\)90039-6](https://doi.org/10.1016/0021-9924(94)90039-6)

OLMSTED, D.L. *Out of the Mouth of Babies* – earliest stages in language learning. The Hague: Mouton, 1971.

PERINI-SANTOS, P.; FERREIRA-SANTOS, L.; BODOLAY, A. N.; LEAL, J. Pesquisa longitudinal: a evolução do uso lexical de uma criança dos 5 aos 22 meses de vida em um diário parental. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 73-104, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.1.73-104>

RASO, T.; MELLO, H. (eds.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ROCHA, B.; MELLO, H.; RASO, T. Para a compilação do C-ORAL-ANGOLA. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, v. 20, n. esp., p. 139-157, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp139-157>

SCOLLON, R. *Conversations with a one year old: a case study of the developmental foundation of syntax*. Honolulu: The University Press of Hawaii, 1976.

STEPHENS, G.; MATTHEWS, D. The communicative infant from 0-18 months – the social-cognitive foundations of pragmatic development. In: MATTHEWS, D. (ed.). *Pragmatic Development in First Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 13-36.

VASCONCELOS, A.; VIEIRA, N.; SCARPA, E. A constituição prosódica da enunciação na relação mãe-bebê, *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 16, n.1, p. 39-60, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457347187>

VIHMAN, M.; MCCUNE, L. When is a word a word? *Journal of child language*, Alberta, v. 21, n. 3, p 517-542, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900009442>

WIKSE BARROW, C.; NILSSON BJORKENSTAM, K.; STROMBERGSSON, S. Subjective ratings of AoA: exploring issues of validity and rater reliability. *Journal of Child Language*, Alberta, v. 46, n. 2, p. 199-213, 2019. DOI: <https://doi:10.1017/S0305000918000363>